“Vou chegar mais perto e ver esta coisa estranha” (Êxodo 3,3): uma tradução bíblica e suas possibilidades hermenêuticas

“I will come closer and see this strange thing” (Exodus 3:3): A biblical translation and its hermeneutical possibilities

“Me acercaré y veré esta cosa extraña” (Éxodo 3:3): una traducción de la Biblia y sus posibilidades hermenéuticas

Valmor da Silva*

Joilson de Souza Toledo**

RESUMO

O artigo analisa a frase bíblica “vou chegar mais perto e ver esta coisa estranha” (Ex 3,3), de acordo com a tradução da *Bíblia Edição Pastoral* (1990), em seu contexto bíblico e em seus reflexos para os dias atuais. A exclamação de Moisés situa-se na narrativa de seu encontro com Deus, diante da sarça que queimava, mas não se consumia (Ex 3,1-6). No âmbito dessa perícopa, examina-se o predomínio do verbo “ver”, com seis citações e com intenso significado relacional. Segue-se com diversas opções de tradução da frase de Moisés, para as possibilidades da tradução como porta de entrada no texto. Conclui-se por justificar a opção da tradução de “grande visão” por “coisa estranha”. A “coisa estranha” é possível pelo significado original da expressão, enquanto apoia, igualmente, a estranheza na leitura de toda a Bíblia, bem como na situação de jovens na pós-modernidade.

Palavras-chave: Êxodo 3,3; sarça ardente; visão.

ABSTRACT

The article analyzes the biblical phrase “I will come closer and see this strange thing” (Ex 3:3), according to the *Bible Pastoral Edition*, translation in Portuguese (1990), in its biblical context and in its repercussions for the present days. The exclamation of Moses is situated in the narrative of his encounter with God, before the bush that burned, but was not consumed (Ex 3:1-6). Within the scope of this pericope, we examine the predominance of the verb “see”, with six citations and with intense relational meaning. It follows with several options of translation for the phrase of Moses, to the possibilities of the translation like door of entrance in the text. It concludes by justifying the option of translating “great vision” into “strange thing”. The “strange thing” is possible by the original meaning of the expression, while it also supports the strangeness in reading the whole Bible, as well as in the situation of young people in postmodernity.

Keywords: Exodus 3:3; burning bush; vision.

* Pós-Doutor em Teologia pela FAJE. Professor do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da PUC Goiás.

** Mestre em Ciências da Religião pela PUC Goiás.

RESUMEN

El artículo analiza la frase bíblica “Me acercaré y veré esta cosa extraña” (Ex 3,3), según la traducción de la Biblia de la Edición Pastoral (1990), en su contexto bíblico y sus reflexiones hasta el día de hoy. La exclamación de Moisés radica en la narración de su encuentro con Dios ante la zarza ardiente que no fue consumida (Ex 3: 1-6). Dentro de este perícopo, examinamos el predominio del verbo “ver”, con seis citas y con un significado relacional intenso. Las siguientes son varias opciones para traducir la frase de Moisés a las posibilidades de traducción como una puerta de entrada al texto. Concluimos justificando la opción de traducir “gran visión” por “cosa extraña”. La “cosa extraña” es posible gracias al significado original de la expresión, al tiempo que apoya la extrañeza en la lectura de toda la Biblia, así como en la situación de los jóvenes en la posmodernidad. **Palabras clave:** Éxodo 3.3; arbusto ardiente; visión.

Introdução

A bíblia é uma obra literária que já foi traduzida em inúmeras línguas. Por se tratar de um texto considerado sagrado, por diversas tradições religiosas, seus processos de tradução ganham ainda maior relevância social. A aproximação ao texto bíblico dá-se a partir dos aportes de distintas áreas do saber: exegese, arqueologia, história, sociologia, linguística, entre outras.

O presente artigo intenta olhar possibilidades de tradução da expressão hebraica “a grande visão” הַמַּרְאָה הַגְּדוֹלָה (*hammare'eh haggadol*) tomando por base as escolhas feitas por diversas Bíblias em português e também em outras línguas. Essas escolhas abrem possibilidades hermenêuticas para as atuais leituras, bem como para lideranças de diversas tradições que têm o Antigo Testamento ou a Bíblia Hebraica por referência.

“A sarça queimava e não era consumida” (Êxodo 3,1-6)

O livro do Êxodo começa com cenas da opressão dos hebreus no Egito, em vista da libertação rumo à terra prometida. Em meio à opressão, um clamor popular chega aos ouvidos de Deus. “E Deus ouviu os seus gemidos; Deus lembrou-se de sua Aliança com Abraão, Isaac e Jacó. Deus viu os israelitas, e Deus se fez conhecer...” (Ex 2,24-25).

Logo após essa escuta divina, o Êxodo apresenta a cena paradigmática da sarça ardente, em que Moisés encontra-se com Deus (Ex 3,1-6). Segue a tradução literal da passagem:¹

¹E Moisés estava pastoreando o rebanho [de] Jetro, sogro dele, sacerdote [de] Midyan. E guiava o rebanho atrás do deserto e veio para a Montanha do Elohim, ao Horeb.

¹ A tradução literal busca fidelidade ao texto original hebraico (*Bíblia Hebraica Stuttgartensia*), inclusive com discordância gramatical com relação à língua portuguesa e mantendo entre colchetes expressões que, graficamente, não existem no hebraico.

²E viu mensageiro [de] YHWH² a ele numa chama [de] fogo, do meio [da] sarça; e viu e eis [que] a sarça queimava no fogo, e a sarça ela não era consumida. ³E disse Moisés: “me afastarei agora e verei a visão a grande este, porque não queima a sarça”. ⁴E viu YHWH, pois se afastou para ver; e chamou a ele Elohim do meio [da] sarça e disse: “Moisés, Moisés”; e disse: “eis-me aqui”. ⁵E disse: “não te aproximes daqui, desamarras sandália tua de sobre pés teus, pois o lugar que tu estás de pé sobre ele terra [de] santidade ele”. ⁶E disse: “eu Deus [de] teus Pais, Deus [de] Abraão, Deus [de] Isaac, e Deus [de] Jacó. E escondeu Moisés as faces dele pois temeu fitar para o Elohim”.

A narrativa possui dinamicidade intensa, com deslocamentos de Moisés, por lugares diferentes, com ações rápidas. Do pastoreio do deserto, ele se aproxima da montanha, rodeia a sarça, descalça as sandálias e posta-se diante de Deus. Os diálogos entre Moisés e Deus tencionam ainda mais a trama. Os verbos “ver” e “dizer” estabelecem a conexão do enredo. A alternância entre os nomes de Deus, YHWH e Elohim, denunciam as costuras do texto, com tradições diferentes, javista e eloísta. Isso sem contar a presença de outros nomes divinos, como o Deus (*’el*) dos Pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó.

O mensageiro aparece no início da narração, mas logo dá lugar a Deus e não volta mais. A Montanha de Elohim, onde queima a sarça, torna-se o centro do mundo, lugar da teofania divina. O nome tradicional da montanha, Sinai, é identificado aqui como Horeb. O sogro de Moisés, Jetro, é nomeado Ragüel pouco antes (Ex 2,18). A identificação do sogro Jetro, como sacerdote madianita, causa surpresa sobre a prática religiosa de Moisés e de Israel.

Além de dificuldades para identificação geográfica da montanha, do nome e origem do sogro e da natureza do Deus que se revela na sarça ardente, há outros desafios para a interpretação do texto. Qual seria a identidade botânica dessa árvore reconhecida como sarça? “A flor silvestre de cor acentuadamente vermelha”, que cresce entre as rochas após as chuvas, segundo Schiavo (1989, p. 74), traduzida como sarça, em hebraico *senéh*, corresponderia à palavra que deu origem à região, Sinai, de acordo com Andinách (2010, p. 74).

Outra dificuldade maior, para interpretação do texto, é o significado do fogo, pois “a sarça ardia e não era consumida” (v. 3). As interpretações diversificadas, geralmente simbólicas, vão desde a ilusão ótica até a ardência do coração de Moisés, que não acendia pra valer. O sentido geral, nas

² YHWH é o nome de Deus mais comum na Bíblia Hebraica, traduzido como Iahweh, Javé, Jeová, Adonai ou Senhor, de acordo com as diversas Bíblias.

diversas interpretações, refere-se à experiência mística de Moisés, característica do encontro com o Deus que se revela a ele (SILVA, 2004, p. 42).

O estilo literário é reconhecido como um relato de vocação profética (SCHWANTES, 2012, p. 16). A vocação profética de Moisés, em vista de sua missão, como líder libertador de Israel, está inserida na teologia da eleição de Israel como povo escolhido. Em vista dessa eleição, estabeleceu-se a aliança, um pacto bilateral de fidelidade entre Deus e Israel (OLMO LETE, 1973, p. 12).

Nesse mesmo modelo de narrativa vocacional de Moisés, outras vocações são descritas na Bíblia, como as de Gedeão, de Saul e de Jeremias (KESSLER, 2013, p. 349). O relato clássico da vocação de Moisés, porém, distingue-se por ser ampliado com cinco convites e cinco objeções, que abrangem o texto de Ex 3,1-4,17 (ANDIÑACH, 2010, p. 52).

O “Ver” no relato da sarça ardente

Dentre tantas dúvidas e desafios para a interpretação deste texto, a atenção se concentra sobre o verbo “ver”, por seu especial destaque na própria narrativa, reconhecido pela leitura de diversos autores. O destaque é dado por Alonso Schökel, que afirma: “Domina o verbo ‘ver’” (*Bíblia do Peregrino*, 2002, nota a Ex 3,1-6). Na leitura de Vogels (2003, p. 92): “O texto sublinha que esse encontro entre Deus e Moisés se situa no nível do ‘ver’”.

No jogo de deslocamentos e encantamentos entre Moisés e Deus, existe algo que encanta Moisés, algo inesperado como o queimar da sarça. Toda a narrativa dá-se numa sucessão de imagens. Antes da voz, vem a imagem. Antes do ouvir, predomina o ver. Elohim e Moisés contemplam-se. É possível reconhecer nessa relação um deixar-se seduzir pela visão.

Ao analisar este capítulo 3 do Êxodo, comenta Chouraqui (1996), p. 50):

O verbo ver *ra’a*, aparece sete vezes nos nove primeiros versículos deste capítulo [...] As tradições hebraicas, cristãs e muçulmana veem neste episódio um dos apogeus místicos da Bíblia. A adesão do homem neste episódio acontece através do irresistível poder da visão, na contemplação de um misterioso mensageiro, intermediário transparente entre o profeta e o infinito que se lhe revela. Moshé, que soube ver a injustiça dos homens (2,11), verá agora o mensageiro de IHVH.

É surpreendente a maneira como a raiz do verbo “ver” רָאָה (*ra’ah*) repete-se nos versículos 2, 3 e 4, com duas ocorrências em cada um, num total de seis.

²E viu וַיַּרְא (*wayyara*’) mensageiro [de] YHWH a ele numa chama [de] fogo, do meio [da] sarça; e viu וַיַּרְא (*wayyare*’) e eis [que] a sarça queimava no fogo, e a sarça ela não era consumida. ³E disse Moisés: “me afastarei agora e verei וַיַּרְא (*we’ere’eh*) a visão וַיַּרְא (*mar’eh*) a grande este, porque não queima a sarça”. ⁴E viu וַיַּרְא (*wayyare*’) YHWH, pois se afastou para ver וַיַּרְא (*lre’oth*). (Ex 3,2-4).

No versículo 2, o verbo é precedido pela conjunção ו (*waw*), denominada *waw* conjuntivo, que tem o sentido original da aditiva “e”, mas pode significar a adversativa “mas”, ou a consecutiva “então”. No caso, esse “e” consecutivo estabelece a sequência narrativa nesta perícopes como, em geral, em toda a prosa hebraica. No versículo 2, a primeira ocorrência do verbo “ver” está no grau *niphal* hebraico, dito pelos gramáticos imperfeito ou incompleto, na terceira pessoa do singular, masculino. No mesmo versículo, ocorre o mesmo verbo, também precedido pela conjunção “e”, conjugado na mesma pessoa e gênero, porém no grau *qal* ou perfeito. A diferença de significado, no modo narrativo original, não é perceptível nas línguas modernas, de modo que a tradução resulta a mesma “e viu”.

No versículo 3, o verbo “ver” aparece, também, com *waw* consecutivo, na primeira pessoa do singular, no *qal*. No mesmo versículo, a palavra “visão” tem a mesma raiz “ver”, com acréscimo do *mem* preformativo, com a função de substantivo feminino, e com o significado de visão, aparição e espelho.

No versículo 4, igualmente ocorre a conjunção e o verbo no *qal* terceira pessoa masculino singular, idêntico à segunda ocorrência do versículo 2. Por fim, o verbo aparece no infinitivo, precedido da preposição “para”. Constata-se, portanto, que o verbo ver conduz a narrativa e o jogo de olhares está no coração do enredo.

Nos *Dicionários Bíblicos* o significado do verbo “ver” וַיַּרְא (*ra’ah*) aparece dentro da lógica da cultura hebraica. Essa raiz (ver, olhar, inspecionar) bem como suas repercussões, abarcam expressões do ver que vão desde o olhar físico, o que vê, aparência, espelho, rosto, até visão profética ou vidente.

Os sentidos ampliados e metafóricos incluem: o *qal*, os de “considerar”, “perceber”, “sentir”, “entender”, “aprender”, “desfrutar”: no final, os de “ser visto” ou “revelar-se”; no *pual*, o de “ser visto”; no *hifil*, os de “fazer ver”, “mostrar”, “levar a sentir/conhecer/desfrutar”; no *hofal*, os de “ser feito ver”, “ser mostrado”, no *hitpaal*, o de “olhar-se um ao outro”.

O sentido literal do verbo não requer comentário especial, pois é a palavra costumeira para ver com os olhos (Gn 27, 1). Mas o verbo possui sentidos mais abrangentes e metafóricos (CULVER, 2001, p. 1383).

Segundo Alonso Schökel (2004, p. 596), o verbo remete à capacidade visual. O mesmo autor afirma que, no sentido genérico,

Diferencia-se segundo um processo: atividade referente ao ver: *examinar, inspecionar, investigar, reconhecer, procurar*; o momento inicial de percepção: *perceber, descobrir, inteirar-se, dar-se conta, constatar, encontrar*; ação durativa: *olhar, contemplar, observar, vigiar, presenciar, assistir*; resultado ou conclusão: *comprovar, apreciar, averiguar, reconhecer, contar com, ser testemunha*. **Sentido qualificado:** *prestar atenção, atender, cuidar, visitar, mostrar consideração, aprovar, escolher, prover*. **Sentido translativo:** *sentir, escutar, gozar, desfrutar, sofrer, passar, provar, experimentar* (2004, p. 596-7).

Segundo Schwantes,

tudo começa em Deus que ‘vê’. Os caps. 1-2 já haviam preparado este “ver”, como origem de todo novo na vida (2,6). É um “ver” que transforma em partícipe aquele que vê, que integra, solidariza, fomenta com-paixão” [...]

Este ‘aparecer’ no cabeçalho é sintomático: continuamos no âmbito do “ver”, tão central nos caps.1-2, bem como em 3,7-14. Nestes casos, “ver” tem a perspectiva do que vê, agora 3,1, também do que é visto. O “ver” tão central passa a ser também o “fazer-se ver”, o “ser visto”. Deus quer ser visto, quer fazer-se ver (1998, p. 25.30).

Em uma obra que aborda as facetas de Moisés dentro do Pentateuco, Vogels (2003) também destaca esta dimensão do “ver” e o traço relacional que temos nela. “‘Javé viu que Moisés se aproximava para ver [...]’. O texto sublinha que esse encontro entre Deus e Moisés situa-se no nível do ‘ver’. Todavia, essa curiosidade inicial de Moisés vai levá-lo a um chamado” (2003, p. 92). Temos uma construção narrativa marcada pelo ver e pelo dizer. Durante a trajetória de Moisés, progressivamente, “a visão se transforma em audição” (VOGELS, 2003, p. 92). Em vista disso, a análise vai se concentrar, em seguida, sobre uma afirmação específica da perícope, “vou chegar perto e ver esta coisa estranha” (Ex 3,3).

“Vou chegar mais perto e ver esta coisa estranha” (Êxodo 3,3)

A análise concentra-se, agora, sobre a expressão de Moisés, diante do fogo, a queimar a sarça sem consumir, que soa, literalmente, assim:

E disse Moisés: “me afastarei agora e verei a visão a grande este, porque não queima a sarça” (Ex 3,3).

A frase original, na língua hebraica, de acordo com a *Bíblia Hebraica Stuttgartensia* (1997, p. 88-9) é a seguinte:

וַיֹּאמֶר מֹשֶׁה אֶסְרֶה־נָּא וְאֶרְאֶה אֶת־הַמַּרְאֶה הַזֶּה מִדֹּוֹעַ לֹא־יָבֹעַר הַסִּנֵּה

A transliteração da frase, em caracteres latinos, soa dessa maneira:

Wayy'omer Mosheh 'asurah-na' we'ere'eh 'eth hammare'eh haggadol
hazeh maddu'a lo'-yebh'ar hasseneh.

As traduções variam bastante o sentido da frase e fazem opções hermenêuticas bem diversas ao interpretar a exclamação de Moisés. Alguns exemplos ilustram as versões de Bíblias editadas no Brasil.

“Afastar-me-ei, agora, e verei a visão a grande”, *Interlinear* (FRANCISCO, 2013).

“Vou chegar perto para ver esta grande visão” (*Bíblia Tradução Ecumênica*, 1994).

“Vou me dirigir até lá para ver essa grande visão” (*Bíblia Pastoral Nova*, 2014).

“Irei para lá e verei essa grande maravilha” (*Bíblia Sagrada Almeida*, 1993).

“Vou aproximar-me para admirar essa visão maravilhosa” (*Bíblia Sagrada CNBB*, 2010).

“Darei uma volta, e verei este fenômeno estranho” (*Bíblia de Jerusalém*, 2002; *Bíblia do Peregrino*, 2002).

“Vou me aproximar para ver este espetáculo” (*Bíblia Católica do Jovem*, 2012).

“Vou me aproximar para contemplar esse extraordinário espetáculo” (*Bíblia Sagrada Ave Maria*, 2014).

“Vou chegar mais perto e ver essa coisa estranha” (*Bíblia Edição Pastoral*, 1990).

Esta última tradução vai nos interessar, pontualmente, neste estudo, com as justificativas que seguem.

A tradução como porta de entrada no texto

As traduções mais próximas ao original hebraico mantêm “grande visão”, enquanto outras buscam vocabulário interpretativo como “fenômeno estranho” ou “espetáculo extraordinário”. A mais divergente e que, por isso mesmo, mais chama a atenção é a que traduz “grande visão” como “coisa estranha”.

A contemplação de uma “coisa estranha” constitui um desafio e uma provocação. Um desafio porque instiga a pesquisar academicamente suas razões. A versão de uma “coisa estranha” serve, portanto, como elemento teórico instigador, e, ao mesmo tempo, como referencial de confronto

com a realidade. A esse esforço interpretativo, chamado hermenêutica, dedicamo-nos agora, a fim de buscar a explicação dessa tradução.

O ponto de partida é que o tradutor é o primeiro intérprete. Assim sendo, a tradução é porta de entrada, para um caminho ao qual se chegou. As possibilidades que a tradução abre – ou fecha – são pontos de vista que dão mais destaque ou tornam menos perceptíveis os fatos contados (TAMEZ, 2014, p. 25).

Tamez (2014, p. 26) apresenta, na sequência, elementos significativos para contextualizar o processo interpretativo, ao afirmar que as traduções são

Como narrativas viventes em tantos seres marcados por histórias particulares, pessoais e coletivas; com uma língua condicionada por seus corpos atravessados transversalmente por sua cultura, gênero, etnia, classe, localização histórico-contextual e ideológica; com uma apreensão do mundo ou marcos categoriais que diferem da língua e cultura que se propõe interpretar para traduzir. A identidade dos tradutores fica desvelada em seu produto, isto é a tradução.

Se, ao nos defrontarmos com a perícope, temos um “de trás” (o contexto histórico que lhe deu origem) e um “na frente” (a realidade de seus leitores atuais), em relação aos tradutores, como narrativas vivas, também temos um detrás e um na frente (TAMEZ, 2014, p. 28). O tradutor, ao iniciar o diálogo com o texto-fonte, explorando seus sentidos, faz escolhas marcadas por seu lugar histórico.

Neste caminho, Tamez oferece-nos uma base para, em sua originalidade, entender a escolha feita pelo tradutor da *Bíblia Edição Pastoral*, quando afirma que “uma boa tradução é aquela que consegue que seus leitores se apropriem da mensagem” (2014, p. 30). E a mensagem aqui não seria que se está diante de algo surpreendente? Como dizer isso a pessoas simples? A língua materna do tradutor faz uma reapropriação do texto. Como essa narrativa deverá estar enquadrada nos parâmetros de uma cultura diferente da língua fonte, não poderá haver uma equivalência exata, algumas vezes nem sequer dinâmica (TAMEZ, 2014, p. 31).

As provocações que se encontram neste binômio “chegar mais perto” e “coisa estranha” talvez construam mais possibilidades que empecilhos e, por isso, possam, dentro do estimado rigor crítico, ser levadas em consideração.

Por que igual ao texto-fonte despertará inúmeros sentidos no momento em que seus leitores, condicionados por sua cultura, se aproximem para interpretá-lo. Os sentidos do texto fechar-se-ão cada vez mais, à medida que derem sentido à vida de quem os lê, dependendo das circunstâncias (TAMEZ, 2014, p. 32).

É neste diálogo frutuoso entre exegese e hermenêutica, ciência e poesia, pesquisa e militância que nos aproximamos dos textos sagrados. Afinal, sabemos que “a relação entre a Palavra e o leitor é sempre dinâmica, e que uma determinada leitura não esgota o sentido, mas atualiza apenas uma parte da mensagem” (ANDIÑACH, 2010, p. 7).

Coisa estranha

Recorrendo ao que os tradutores Balancin e Storniolo (*Bíblia Edição Pastoral*, 1990) expressam no comentário que fazem no rodapé da própria perícopes, não encontramos elementos explícitos que fundamentem sua escolha. A ideia da experiência de Deus como mistério, algo que supera nossa compreensão, pode apenas deixar entrever as intuições que dão base para sua escolha. Para os autores: “A experiência de Deus é um mistério que está além da compreensão humana. Esse mistério é apresentado aqui como fogo que arde sem consumir” (*Bíblia Edição Pastoral*, 1990, p. 67). Na obra *Como ler o livro do Êxodo: O caminho da liberdade* (BALANCIN; STORNILO, 1998) ao analisar esta perícopes argumenta que:

É na montanha que Moisés tem a experiência desse Deus, que já estava misteriosamente presente na vida dos seus irmãos oprimidos. Moisés não vê Deus, e sim um fenômeno misterioso e paradoxal: fogo que não queima. E isso o leva à experiência do Deus misterioso que ele ouve (p. 26).

Sem ter mais elementos do próprio tradutor e para fundamentar melhor sua escolha, recorreremos a dicionários *online* de língua portuguesa, buscando os verbetes “estranho” e “coisa”. O *Dicionário Aurélio* enumera 26 alternativas, algumas das quais transcrevemos, na ordem que aparecem: 3 Desconhecido; 5 Singular; 6 Extraordinário; 7 Esquisito; 11 Esquivo. Já o *Dicionário Michaellis* fala de: “*adj (lat extraneu)* 1 Estrangeiro, externo. 2 Que é de fora; alheio. 3 Sem qualquer ligação com. 4 Esquivo. 5 Extraordinário, surpreendente.”. O *Dicionário de Sinônimos* traz, como primeira opção, excêntrico: anormal, bizarro, desusado, diferente, especial, esquisito, excêntrico, exótico, extraordinário, extravagante, incomum, insólito, inusitado, invulgar, singular e, como segunda opção, “o maravilhoso: enigmático, inexplicável, misterioso, obscuro, suspeito”.

Talvez alguns olhares mais sensíveis também se incomodem com a palavra “coisa”. Os dicionários também nos oferecem elementos interessantes. Segundo o *Dicionário Michaellis*: *sf (lat causa)* 1 Tudo o que existe ou pode existir; ente, objeto inanimado. O *Dicionário de Sinônimos*

apresenta um elenco com termos que nos ajudam a pensar: “Tudo o que existe (cousa, ente, objeto, peça, ser, utensílio); Acontecimento: acontecimento, ação, ato, caso, circunstância, condição, empreendimento, empresa, episódio, estado, evento, fato, ocorrência, projeto, realidade, realização”. Por sua vez, o *Dicionário Aurélio* traz para a palavra “coisa” os seguintes significados: objeto ou ser inanimado; o que existe ou pode existir; negócio, fato; acontecimento; mistério.

Nessa busca por nos aproximarmos da intencionalidade do tradutor, contextualizar suas escolhas e as colocar no horizonte do empenho de outros tradutores, vemos que todos narram algo que causa fascínio e admiração.

Consequências hermenêuticas

Num texto que celebra o número 100 da Revista *Estudos Bíblicos*, Júlio Zabatiero faz uma alusão à importância do ‘estranhamento’ no processo da exegese e da leitura popular da Bíblia. Esta abordagem pode sinalizar que a “coisa estranha” talvez possa abrir caminho para uma pesquisa mais “ortodoxa” do que é possível imaginar num primeiro momento. Segundo o autor:

Séculos de poeirenta exegese tiveram de ser limpados. Uma grande faxina se fez na casa da Palavra – por trás das palavras, uma flor sem defesa foi vislumbrada, a festa do povo foi reencontrada, portas emperradas e empenadas se abriram revelando aposentos convidativos, iluminados, cheios de vida, de uma vida que se perdera em meio às exigências acadêmicas, racionais, universitárias, clericais da ciência bíblica. Textos outrora esquecidos foram reencontrados, relidos, examinados desde quatro lados, seus conflitos revelados, os clamores antes silentes encontraram novamente ouvidos atentos, de parceiras e parceiros oprimidos, mas conscientizados, em novas saídas, peregrinações, êxodos do capital; cidades imponentes que impediam a visão se tornaram transparentes e a vida do campesinato mais uma vez se encontrou e os sons da utopia ressoaram em celebrações democráticas, ecumênicas, populares, militantes, reverentes em um grau até então desconhecido. Estranhas ideias, doutrinas, práticas se encontraram no texto outrora tão familiar das Escrituras. Estranhos que nos conquistaram e vieram a fazer parte de nossa família, fizeram entre nós seu lar (ZABATIERO, 2009, p. 21).

Na dinâmica de dar espaço a novos horizontes e novas questões, mas também de acolher o texto enquanto Palavra de Deus, sempre provocativa, o texto e a realidade mostram-se como “coisa estranha” que exigem rigor na exegese e abrem horizontes a novas possibilidades hermenêuticas. E ainda propõe:

Agora me parece necessário olharmos novamente para o texto em toda a sua estranheza, em sua peculiaridade, em sua distância de nós [...] a Bíblia toda é muito estranha

[...] Para que o texto mantenha seu poder, sua beleza, seu encanto, seu charme, sua ousadia, é preciso que nos entreguemos à sua estranheza, à sua peculiaridade, à sua diferença, à sua outridade (ZABATIERO, 2009, p. 24).

Permanecemos, então, diante do desafio que é a aproximação do termo hebraico *הַמַּרְאָה הַזֶּה* (*hammare'eh haggadol*), pois num primeiro olhar, este não está tão próximo da tradução da *Bíblia Edição Pastoral* “coisa estranha”. O termo “visão” fica muito mais harmonizado com o todo da perícopes onde o “ver” aparece de forma insistente. Aqui estamos diante das escolhas que o tradutor, ao buscar a equivalência dinâmica, é desafiado a fazer (WEGNER, 1998, p. 28-32). Já que “traduzir é tentar estimular no novo leitor, na nova língua, a mesma reação ao texto que o autor original desejou estimular nos seus primeiros e imediatos leitores” (NIDA apud WEGNER, 1998, p. 30).

Na tradução que Vogels faz da passagem Ex 3,1-6 para o seu livro, temos a interpretação mais aproximada da *Bíblia Edição Pastoral* já que escolhe dizer “Vou chegar mais perto e *ver* essa estranha visão (...)” (2003, p. 92). Permanece com o termo *visão* (que tem força no contexto da perícopes), contudo, adota também a expressão estranha para adjetivar de que visão se trata. A mesma escolha é feita por Houtman que, em seu comentário sobre o livro do Êxodo, em língua inglesa, com a seguinte tradução a Ex 3,3: “So Moses thought, ‘I want to go there and see that strange sight (to find out) why the bush is not burned up’”³ (1993, p. 341).

Luiz Alexandre Solano Rossi, na obra intitulada *Nos Passos de Moisés* (2013), utiliza para as citações a *Bíblia Edição Pastoral*, ou seja, a expressão “coisa estranha” (2013, p. 13). Na *Bíblia de Jerusalém* (2002) e na *Bíblia do Peregrino* (2002) encontramos a expressão “fenômeno estranho”. Na *Bíblia Sagrada* da Paulus, editada em Lisboa (2005), a escolha de tradução foi: “Vou aproximar-me mais para ver esta coisa estranha”. Na *Bíblia Edición Pastoral* (1995) está: “Voy a dar una vuelta para mirar este fenómeno tan extraordinario”.⁴ A *Bíblia do Peregrino*, ao comentar a narrativa, afirma que Moisés “é tomado de surpresa ante o fenômeno estranho. A surpresa provoca a curiosidade, a indagação temerária – não a reverência numinosa que se esperava” (2002, p. 110). A mesma tradução foi feita por Carlo Maria Martini, numa obra intitulada *Vida de Moisés e a Vida de Jesus*. Segundo ele, a tradução seria: “Então, disse Moisés:

³ “Então Moisés disse, eu quero ir lá e ver aquela estranha visão (descobrir) porque a sarça não está queimando”, tradução própria.

⁴ “Vou dar uma volta para ver este fenômeno tão extraordinário”, tradução própria.

Darei uma volta e verei este fenômeno estranho, por que a sarça não se queima” (1985, p. 26).

Enquanto a Sociedade Bíblica Brasileira (*Bíblia Sagrada SBB*, 2001) na Nova Tradução na Linguagem de Hoje (2001), diz: “Então pensou: ‘Que coisa esquisita! Por que será que o espinheiro não se queima? Vou chegar mais perto para ver.” (Ex 3,3). Encontramos a mesma tradução na *Bíblia Sagrada Linguagem de Hoje* (2015), publicada pelas Paulinas. O site da SBB cuja intenção da tradução foi apresentar o sentido dos textos originais, contudo “o expressa em uma linguagem simples, popular, sem utilizar gírias e regionalismos. A grande preocupação da Comissão de Tradução foi comunicar a Palavra sem que esta perdesse o estilo bíblico”.

Ou seja, há diversos autores que, em sua tradução, optam pela expressão “estranha” ou vocábulos que traduzem a sensação de estranheza. Essa possibilidade dá-se pelo fato de termos na perícope Ex 3,3 a expressão *הַמִּרְאָה הַגָּדֹל* (*hammar’eh haggadol*) cuja tradução literal remete-nos à “grande visão”, a algo importante. O termo em questão é *mar’eh* (vista, visão, aparência, beleza).

Derivado diretamente do verbo *ra’â*, “ver”, mediante o simples acréscimo de um conhecido prefixo substantivado, esse vocábulo traz consigo muito da variedade de significados do verbo [...] O substantivo *mar’eh* pode significar praticamente qualquer coisa que diga respeito à aparência externa, à maneira que as coisas aparentam. Do modo que são usuais as noções de “aparência” ou fenômeno da coisa observada, seja isso comum (Lv 13.3, e dez vezes no capítulo) ou incomum (Êx 3.3) (CULVER, 2001, 1385).

A abordagem de Culver legitima a possibilidade escolhida pelo tradutor da *Bíblia Edição Pastoral*. A relação de *mar’eh* com um fenômeno aparente, coisa observável que pode ser algo incomum, diferente, inusitado. O próprio autor, ao se referir a algo incomum em que o termo é usado, cita Ex 3,3 e utiliza o termo “coisa”.

O vocábulo que vem adjetivando o substantivo visão (*mar’eh*) é a expressão *gadol*, que vem do verbo *gadal* que quer dizer crescer, tornar-se grande (SMICK, 2001, p. 247). Esta raiz remete a objetos físicos bem como a seres vivos não só no sentido físico, mas, também, de intensidade e de importância. “O adjetivo comparte da amplitude de sentido do verbo acima, significando ‘muito(s)’ em número, e em outros conceitos, de intensificação como ‘altura’ (de som), ser cheio de anos, grande em importância” (2001, p. 248).

Assim, a expressão *הַמִּרְאָה הַגָּדֹל* (*hammar’eh haggadol*) remete-nos a uma visão intensamente incomum. Estas reflexões pavimentam o cami-

inho para a expressão “coisa estranha”, apesar de o conjunto da perícope insistir em se conservar um termo que esteja mais próximo da expressão “visão”, próximo ao ato de ver, que marca este momento do relato da vocação de Moisés. Contudo, “coisa estranha” pode ser, de alguma maneira, mais popular (intencionalidade por trás da *Bíblia Edição Pastoral*) para abordar uma grande visão, espetáculo ou maravilha, já que estes termos não ressaltam a dimensão incomum que Culver destaca. A apresentação da *Bíblia Sagrada Edição Pastoral* ressalta: “conservando a fidelidade aos textos originais, procuramos traduzi-los em linguagem corrente, evitando construções rebuscadas e palavras de uso menos comum” (1990, p. 5). A tentativa deste artigo foi exemplificar essa proposta numa expressão concreta.

Um debate em aberto – uma tentativa de conclusão

As traduções da Bíblia nunca são irrelevantes. Ao escolher palavras e reforçar imagens, tradutores endossam, dificultam, possibilitam ou invisibilizam possibilidades hermenêuticas. Nosso artigo buscou apresentar como a *Bíblia Edição Pastoral*, obra marcada pelo foco em grupos populares e com tendência à interpretação bíblica libertadora, traduz a expressão hebraica *הַמַּרְאָה הַגְּדוֹלָה* (*hammare’eh haggadol*).

O artigo não teve a pretensão de esgotar o debate sobre as possibilidades de tradução do termo, mas sim de dialogar em especial à comunidade acadêmica da área da teologia e ciências da religião e com aqueles que se dedicam à Leitura Popular da Bíblia sobre possibilidades hermenêuticas e pastorais presentes em traduções que se encontram nas mãos das pessoas das comunidade de fé.

Referências bibliográficas

ALONSO SCHÖKEL, Luis. *Dicionário bíblico hebraico-português*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

ANDIÑACH, Pablo R. *O livro do Êxodo: um comentário exegético-teológico*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2010.

BALANCIN, Euclides; STORNIOLO, Ivo. *Como ler o livro do Êxodo: o caminho da liberdade*. São Paulo: Paulus, 1998.

Bíblia Católica do Jovem. São Paulo: Ave Maria, 2012.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

- Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia Edição Pastoral*. São Paulo: Paulus, 1990.
- Bíblia Edición Pastoral*. Navarra: Estella, 1995.
- Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. Barueri: SBB, 1997.
- Bíblia Pastoral Nova*. São Paulo: Paulus, 2014.
- Bíblia Sagrada*. Lisboa: Paulus, 2005.
- Bíblia Sagrada Almeida*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- Bíblia Sagrada Ave Maria*. São Paulo: Ave Maria, 2014.
- Bíblia Sagrada CNBB*. Brasília: CNBB, 2010.
- Bíblia Sagrada Linguagem de Hoje*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- Bíblia Sagrada SBB*. Barueri: SBB, 2001.
- Bíblia Tradução Ecumênica*. São Paulo: Loyola, 1994.
- CHOURAQUI, André. *A Bíblia*: Nomes (Êxodo). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- CULVER, Robert D. רָא'ah. In: *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 1383-7.
- Dicionário Aurélio*. Disponível em: <http://www.dicionariodoaurelio.com> Acesso em: 15 jul 2019.
- Dicionário de Sinônimos*. Disponível em: <http://www.sinonimos.com.br> Acesso em: 15 jul 2019.
- Dicionário Michaelis*. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues>> Acesso em: 15 jul 2019.
- FRANCISCO, Edson Faria. *Antigo Testamento interlinear hebraico-português*: Penta-teuco. V. 1. Barueri: SBB, 2013.
- HOUTMAN, Cornelis. *Exodus*. V. 1: Historical commentary on the Old Testament. Leuven: Peeters, 1993.
- KESSLER, Rainer. *Vocación para la libertad: el caso de Moisés. Pistis & Praxis*, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 345-363, julho de 2013. Disponível em: <<file:///C:/Users/admin/Downloads/pistis-12333.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2019.
- MARTINI, Carlo M. *Vida de Moisés – vida de Jesus: existência pascal*. São Paulo: Loyola, 1985.
- OLMO LETE, Gregorio Del. *La vocación del líder en el antiguo Israel: morfología de los relatos bíblicos de vocación*. Salamanca: Universidad Pontificia, 1973.
- ROSSI, Luiz Alexandre Solano. *Nos passos de Moisés*. São Paulo: Paulus, 2013.
- SCHIAVO, José. *Novo Dicionário de personagens bíblicos*. Rio de Janeiro: Francisco

Alves, 1989.

SCHWANTES, Milton. “Fazei sair meu povo Israel do Egito”: anotações sobre Êxodo 3. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, ano XII, n. 14, p. 23-33, jul. 1998.

SCHWANTES, Milton. Origem dos textos. *Caminhando*, São Bernardo do Campo, v. 17, n. 2, p. 13-19, jul.-dez. 2012. Disponível em: < <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CA/article/view/3550/3245>> . Acesso em: 15 jul. 2019.

SILVA, Valmor da. *Deus ouve o clamor do povo: teologia do êxodo*. São Paulo: Paulinas, 2004. (Teologias Bíblicas, 1).

SMICK, Elmer B. *Gadal*. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER JR, Gleason L; WALTKE, Bruce K. In: *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 247-8.

TAMEZ, Elsa. Os diálogos interculturais na tradução bíblica e as hermenêuticas latino-americanas. In: *Bíblia e cultura: tradição, tradução e exegese: debatendo as diferentes leituras da Bíblia*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014, p.15-32.

VOGELS, Walter. *Moisés e suas múltiplas facetas: do Êxodo ao Deuteronômio*. São Paulo: Paulinas, 2003.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. São Leopoldo; São Paulo: Sinodal; Paulus, 1998.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. Texto, estranho texto. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 100, p. 20-5, 2009.

Submetido em: 13-8-2019

Aceito em: 5-10-2019